

LEITURA E CONHECIMENTO NA IDADE MÉDIA: LIÇÕES DE ANSELMO DE BEC (SÉC. XI)

RIBEIRO, Elizabete Custódio da Silva (PPE/UEM)

ecsribeiro@yahoo.com.br

OLIVEIRA, Terezinha (DFE/PPE/UEM)

teleoliv@gmail.com

Resumo: Esta comunicação é resultado parcial de uma análise dos escritos de Anselmo de Bec, teólogo e filósofo do século XI. Nosso intuito é discutir, por meio deste singular pensador medieval e de alguns intérpretes, a importância da leitura dos clássicos e da reflexão histórica para a formação e produção acadêmica e docente, bem como o fato de que este exercício é, efetivamente, o que conduz ao saber. Tendo como caminho a própria história, perceberemos que a leitura dos clássicos, quando desprovida de “pré-conceitos”, nos fornece subsídios essenciais para entendermos as questões que permeiam as relações humanas nos mais diferentes presentes vividos. Além disso, esta leitura nos possibilita evitar a idéia de que estamos “desaprendendo” a ler, a refletir, enfim, a nos expressar.

Palavras-chave: Leitura; Formação; Clássicos; Idade Média.

Seminário do 16º COLE vinculado 05 (Leitura e Produção na Educação Superior)

“[...] nenhum outro corretivo é mais eficaz para os homens que o conhecimento do passado” (POLÍBIOS, 1985, p. 41).

Quando nos remetemos ao período denominado Idade Média para falarmos de leitura e conhecimento, pode parecer, para alguns, algo estranho, pois ainda é possível encontrarmos livros que relacionam o medievo, equivocadamente, a “idade das trevas” ou a um período histórico de mil anos de “esterilidade filosófica” ou, ainda, a uma época que simplesmente “marca” a separação entre a Antigüidade e a Modernidade.

Lauand (1998, p. 2-3) aponta que há preconceito em relação à pesquisa histórica e que este fato se agrava quando o estudo em questão remete a medievalidade:

[...] os preconceitos que prejudicam o estudo de qualquer período histórico parecem manifestar-se mais acentuadamente quando se trata da Idade Média. Medieval ainda é sinônimo, para os menos informados, de obscurantismo e ignorância, uma vez que somos técnica e cientificamente muito mais avançados, socialmente muito mais tolerantes, etc. E, no entanto, é

surpreendente como, além das diferenças existentes entre nós e "eles", é possível localizar semelhanças de comportamento e de mentalidade (e, talvez também, alguns pontos em que somos nós que temos que aprender...) [...] Quem lê e compreende a fundo, hoje, Platão, Aristóteles, Virgílio, Cícero, Agostinho, Tomás de Aquino, Dante? No caso da experiência medieval, a cultura antiga foi salva. Graças a um trabalho de imenso valor, que hoje poucos sabem apreciar [...].

Observemos os autores citados por Lauand. Quantos deles já lemos, quantas obras podemos dizer que, minimamente, conhecemos? Fato é que a pesquisa histórica, extraordinariamente, nos coloca em contato com questões e conflitos humanos que se mantêm até nossos dias, quer tenhamos consciência disso ou não. Assim, para não incorreremos no erro de “julgar” a história ou de a compreendermos equivocadamente, o melhor caminho a percorrer é o da leitura analítica dos clássicos. Não se trata de investigarmos o passado por mera curiosidade ou de procurar nele respostas às nossas questões atuais, mas sim, de buscar fundamentos para entendermos *nossa* história.

A nosso ver, a educação deve ser exatamente este processo: a leitura e a reflexão que viabilizam o entendimento dos saberes produzidos pela humanidade ao longo dos anos, pois este entendimento das diferentes formas do pensar de cada época, bem como a forma com que estas transições se deram são os valiosos fundamentos de nossa educação, os pilares que precisamos construir a fim de obtermos uma melhor compreensão do mundo moderno e de seus caminhos pela contemporaneidade.

Desta forma, nosso intuito é o de discutir, por meio das formulações de Anselmo de Bec, a importância da leitura dos clássicos e da reflexão histórica para a formação e produção acadêmica e docente, salientando que este é, a nosso ver, o caminho que conduz ao conhecimento. Para este fim, nossa discussão deverá perpassar por duas questões fundantes: o que entendemos por clássico e por que consideramos Anselmo de Bec um clássico.

Calvino (1993), em seu livro *Por que ler os clássicos*, descreve algumas definições de clássico:

Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer (p. 11).

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que

deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (p. 11).

Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe (p. 12).

É clássico aquilo que persiste com rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível (p. 15).

As definições que Calvino atribui aos clássicos os coloca em lugar de destaque, ou seja, afirma que estas são leituras imprescindíveis uma vez que só elas podem nos proporcionar uma visão mais próxima do que realmente foi vivenciado pelos homens de determinado momento da história.

A leitura de um clássico é aquela que sempre nos surpreende, e é por isso que ele nunca termina o que tem a nos dizer, é por isso que provoca uma “nuvem” de críticas em torno de si. É evidente que a contribuição dos intérpretes precisa ser considerada, mas, segundo Calvino (1993, p. 12) “nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão”, ou seja, a leitura da fonte primária, do clássico, permite um olhar nosso, particular, um entendimento que ainda não sofrera a influência dos intérpretes de uma obra.

Acreditamos que as obras clássicas são aqueles livros que contribuem para um entendimento do que seja o homem; livros de formação e não somente de informação; que possuam um compromisso declarado com a história da civilização. Enfim, obras que nos subsidiem para entendermos melhor a nós mesmos e a sociedade em que vivemos. Desta forma, entendemos que a formação do sujeito precisa privilegiar estas leituras.

Mas, e quando o currículo, mesmo nos cursos de graduação, não demonstram esta preocupação? Onde encontrar tempo e tranquilidade intelectual para nos dedicarmos a leitura dos clássicos ao mesmo passo que somos esmagados pela quantidade de informações e de questões que temos que dar conta cotidianamente? Certamente este é um dos maiores desafios da educação no século XXI.

Calvino (1993, p. 9) nos lembra que, em geral, dizemos que estamos *relendo* e nunca *lendo* um clássico, porque por mais que as leituras de formação de uma pessoa sejam muitas, ainda há sempre algo a aprender, mas também porque, talvez, tenhamos uma certa vergonha de dizer que não conhecemos este ou aquele clássico “famoso”, “aqueles” que deveriam nos ter sido apresentados nos primeiros anos de vida escolar.

É importante que os clássicos estejam presentes em nossa formação, desde o princípio dela. Quando Leonel (1998, p. 87) inicia seu artigo *Para ler os clássicos* dizendo que “um programa acadêmico de leitura dos clássicos é logo considerado um despautério”, está nos chamando a atenção para uma questão evidente: por vezes, nem na vida acadêmica, estas leituras são contempladas.

Neste sentido, a Idade Média tem muito a nos ensinar, uma vez que esta leitura geradora de conhecimento aparece intimamente ligada ao cotidiano de homens como Anselmo de Bec. Segundo nossas leituras, este autor buscou apropriar-se do conhecimento produzido pelos homens até então por meio dos clássicos e pôde teorizar a respeito de alguns debates que se colocavam na ordem do dia, como fé e razão, poder temporal e secular.

Sabe-se que Anselmo foi teólogo e filósofo, nascido em Aosta – Itália e que viveu entre os anos 1033 e 1109. Era filho de nobre e escolheu a carreira religiosa à política, contrariando a vontade de seu pai. Anselmo estudou com muito afinco os clássicos e tornou-se um dos melhores latinistas de seu tempo, escrevendo com clareza e precisão¹.

Subsidiado por estes conhecimentos e, também, pelo estudo das Sagradas Escrituras, aceitou o desafio proposto pelos monges de sua abadia: provar a existência de Deus unicamente por meio da razão. No *Proslógio* encontra-se o que foi considerada a síntese de seus argumentos, resultado desta busca: “Cremos, pois, que tu és um ser do qual não é possível pensar nada maior” (ANSELMO, 1984, p. 113).

¹ Esta informação encontra-se na apresentação da Vida e Obra de Anselmo, da coleção *Os Pensadores* (1984, p. VIII), porém em sua obra *Monológio*, Anselmo cita suas fontes: “Leia primeiro o tratado *De Trinitate*, do citado Santo Agostinho, e, depois, julgue o meu opúsculo segundo essa obra. Quando, por exemplo, sustento que a Trindade pode ser considerada como três substâncias, siga a opinião dos gregos (...)” (ANSELMO, 1984, p. 6).

Embora Anselmo visse na razão um meio e não um fim, dizia ser inadmissível que os homens, seres dotados de intelecto, praticassem uma “fé cega”, sem compreender aquilo em que criam. Nele encontramos duas vias de conhecimento: a fé e a razão. Podemos dizer que, em Anselmo, a razão serve a fé cristã para ilustrá-la e defendê-la. A razão seria um presente de Deus ao homem:

Obrigado, meu Deus. Agradeço-te, meu Deus, por ter-me permitido ver, iluminado por ti, com a luz da razão aquilo em que, antes, acreditava pelo dom da fé que me deste. Assim, agora, encontro-me na condição em que, ainda que não quisesse crer na tua existência, seria obrigado a admitir racionalmente que tu existes (ANSELMO, 1984, p. 104).

Mas, por que Anselmo precisou teorizar a respeito da fé cristã, sobre Deus e seus atributos, sobre os preceitos da Igreja?

De acordo com nossas leituras, Anselmo vivenciou um complexo momento, pois no século XI a organização da vida pautada nas relações feudais atingiu uma forma madura, propiciando a necessidade de mudanças na forma de pensar essas relações. Segundo Oliveira (2005, p. 8), essas mudanças são ocasionadas por dois elementos:

(...) o surgimento de novas forças sociais com possibilidades de assumir o governo e na própria crise interna da Igreja, no seu isolamento da sociedade, o aparecimento, de um lado, de críticas e oposição à Igreja e, de outro, uma ação autoritária dela para conservar-se no poder (...).

Não é nosso intuito discutirmos o feudalismo, mas, em linhas gerais, convém colocarmos que, segundo Anderson (1995), o Feudalismo na Europa Ocidental surgiu no século X, expandiu muito durante todo o século XI e viveu seu ápice nos séculos XII e XIII, mas que desde o século IX, ou mesmo antes, havia certo número de inovações técnicas nos métodos de produção que apresentavam um grande avanço. Estas inovações no campo aumentaram muito a produção agrícola, são elas o arado de ferro, o moinho d'água, o adubo calcário para a melhoria do solo e o sistema de três campos para a rotação de sementeiras, essencialmente.

Em suma, o que podemos dizer é que as relações de fidelidade e proteção, em torno dos padrões de vida cristã, estabelecidas dentro do feudo, proporcionaram condições de desenvolvimento social, trazendo de volta as condições objetivas para que o homem rural principiasse, também devido a estas inovações citadas por Anderson, a tornar-se cidadão, a “circular” para além dos limites do feudo. Dito de outro modo, o amadurecimento das relações pautadas no feudalismo proporcionou uma abertura para que os assuntos, inquestionáveis, concernentes a fé precisassem ser legitimados.

Há, pela primeira vez, que se teorizar a respeito da fé cristã, da existência de Deus, da vida não mais como fato dado, imutável. E é em resposta a estas questões emergentes que Anselmo formula seu pensamento.

A tarefa de Anselmo era bastante complexa, uma vez que dentro da própria Igreja havia desordem, como aponta Mattos na apresentação de Vida e Obra de Anselmo,

O principal problema político da época em que Anselmo viveu foi o das disputas entre o poder temporal e o poder espiritual, com todas as suas conseqüências, como a simonia (comércio com os objetos sagrados) e o nicolaísmo (desordem nos costumes). Leigos desempenhavam papel fundamental na distribuição de cargos eclesiásticos e quase todas as igrejas estavam em poder de pessoas que não faziam parte da hierarquia eclesiástica propriamente dita (1984, p. X).

Ainda a este respeito, nas *Cartas*, Anselmo aparece, por exemplo, defendendo as artes liberais e confrontando-se com o monarca Guilherme por causa da alta cobrança de impostos. Enfim, Anselmo viveu em um momento onde, apesar dos conflitos, já tinham sido criadas condições para que um pensador como ele pudesse destacar-se. A nosso ver, seu mérito caracteriza-se pela devoção pelo saber, pela busca por entender o mundo no qual estava inserido e por afirmar constantemente a capacidade reflexiva humana, como fica evidente em *O Gramático*: “[...] ninguém, porém diria: “A racionalidade é o homem ou o homem é a racionalidade”, mas “O homem é um ser que possui racionalidade” (1984, p. 185).

Se Anselmo fosse simplesmente um homem religioso e ignorasse os saberes antigos seria somente mais um teórico, sem influências na história da humanidade. Mas, ele deixou bem claro suas fontes de conhecimento e, como exemplo disso, podemos citar um excerto de sua obra *O Gramático* (ANSELMO, 1984, p. 183): “Lembra-te das afirmações de Aristóteles que pouco antes mencionei”, ou seja, ele leu os clássicos. Em suas *Cartas*, Anselmo escreve que “antes de dar lecciones, procura primeiro recibirles, èse es el orden para hacer progresos” (1952, p. 495). Assim, nos deixou a lição de que todo conhecimento deve ser buscado, até para que sejamos subsidiados para sermos capazes de lecionar com competência.

Desta forma, podemos considerar que as obras escritas por Anselmo tornaram-se clássicas, uma vez que contribuem para o entendimento do homem e da sociedade por ele vivenciada, mas também pela sua própria atitude de busca e leitura dos clássicos de seu tempo, por estar desprovido de preconceitos e “aberto” ao conhecimento.

Conhecer para compreender, ler para saber, são algumas das lições que podemos aprender com Anselmo e com tantos outros pensadores ímpares que a Idade Média produziu. O nada saber e acreditar que se sabe aliada a nossa “inoperância” diante das leituras deve ser a causa maior da sensação de esvaziamento intelectual que estamos vivenciando.

Apesar disso, podemos considerar que uma hipótese de superação deste quadro pode estar em um *locus* onde haja receptividade do espírito para a totalidade do mundo, ou seja, na Universidade: local onde deve persistir um esforço de abertura para o todo, de entendimento da realidade por mais complexa que esta seja.

Assim, acreditamos que o exercício de leitura dos clássicos é primordial à formação, tanto discente quanto docente, e que esta deva ser uma preocupação que permeie a construção dos currículos e dos programas em todos os níveis de formação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense: 1995.

ANSELMO DE BEC, Santo. Monólogo / Proslógio / O Gramático / A Verdade. IN: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural: 1984.

_____. *Obras completas*. Madrid: Bibliotecas de Autores Cristianos, 1952.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JEAUNEAU, E. *História breve da Filosofia Medieval*. Lisboa: Editorial Verbo, 1968.

LAUAND, L. J. *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEONEL, Z. Para ler os clássicos. *Intermeio*: revista do Mestrado em Educação da UFMS, Campo Grande-MS, v. 4, n. 8, p. 86-95, 1998.

NUNES, R. A. C. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: EDUSP: 1979.

OLIVEIRA, T. *A Escolástica no Debate acerca da Separação dos Poderes Eclesiástico e Laico*. São Paulo: Mandruvá, 2005.

POLÍBIOS. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

STREFLING, S. R. *O argumento ontológico de Santo Anselmo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

ZILLES, U. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.